

A CONSTRUÇÃO DAS CRENDICES E DAS RELIGIOSIDADES NO BRASIL ATUAL

THE CONSTRUCTION OF POPULAR BELIEFS AND RELIGIOSITIES IN CURRENT BRAZIL

LA CONSTRUCCIÓN DE LAS CREENCIAS Y DE LAS RELIGIOSIDADES EN EL BRASIL ACTUAL

Naccercayc Ribeiro Donato¹

Resumo

O artigo indaga se as religiosidades e as crenças culturais do Brasil atrapalham seu desenvolvimento social. Explica que as antigas religiosidades e os novos movimentos religiosos brasileiros estão tanto no atraso como no progresso social de toda a nação. Um levantamento de teses e de artigos contemporâneos sobre os fenômenos religiosos atuais no país, em aspectos teológicos associados aos pensamentos sociológicos e antropológicos atuais, demonstra as implicações que as práticas religiosas apresentam para a sociedade brasileira. Análises teóricas das hipóteses teológicas, comparação da formação dos aspectos culturais das religiões cristãs brasileiras, além de conjunturas das crenças pluralistas brasileiras, são explanadas no trabalho. Um levantamento científico sobre as religiões brasileiras e seus posicionamentos religiosos demonstra que o Brasil precisa quebrar paradigmas conservadores e tradicionais cristãos, em seus aspectos socioculturais. A pesquisa é qualitativa e de cunho acadêmico-científico, com dados estatísticos. Comprova a existência de conflitos entre as crenças cristãs conservadoras e as novas crenças pluralistas. O progresso sociocultural brasileiro, ora é retardado pelo cristianismo, ora é acelerado pelas crenças pluralistas — isso quando estão em consonância com as tradições socioculturais do país. A intolerância religiosa e social no Brasil constitui a principal problematização do trabalho. A marginalização de novas crenças e novas culturas, que emergem na contemporaneidade, é conflitante com as tradições cristãs conservadoras. Com isto, este estudo constrói um Brasil de ideologias religiosas conflitantes, que enfrenta crenças pluralistas e antigas crenças conservadoras.

Palavras-chave: Religiões. Crenças pluralistas. Brasil.

Abstract

The article asks whether Brazil's religious and cultural beliefs hinder its social development. It explains that the old religiosities and the new Brazilian religious movements are as much in the delay as in the whole nation's social progress. A survey of theses and contemporary articles on current religious phenomena in the country, in theological aspects associated with sociological and anthropological thoughts, demonstrates implications that religious practices have in Brazilian society. Theoretical analyzes of theological hypotheses, comparison of the formation and the cultural aspects of the Brazilian Christian religions, in addition to conjunctures of Brazilian pluralist beliefs, are explained in the work. A scientific survey of Brazilian religions and their religious positions shows that Brazil needs to break conservative and traditional Christian paradigms in their socio-cultural aspects. The research is of qualitative and academic-scientific nature, with statistical data. It proves the existence of conflicts between conservative Christian beliefs and new pluralist beliefs. Christianity sometimes delays Brazilian socio-cultural progress, sometimes accelerated by pluralist beliefs, when they align with the country's socio-cultural traditions. The religious and social intolerance in Brazil presents the main problematization of work. The marginalization of new beliefs and new cultures that emerge in contemporary times conflict with conservative Christian traditions. Thus, this study builds a Brazil of conflicting religious ideologies, facing pluralist beliefs and old conservative beliefs.

Keywords: Religions. Pluralistic beliefs. Brazil.

Resumen

¹ Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: naccercaycrd@gmail.com.

Este artículo indaga si las religiosidades y las creencias pluralistas de Brasil entorpecen su desarrollo social. Plantea que las antiguas religiosidades y los nuevos movimientos religiosos brasileños se encuentran tanto en el retraso como en el progreso social de toda la nación. Una revisión de tesis y artículos contemporáneos sobre los fenómenos religiosos actuales en el país, en aspectos teológicos asociados a los pensamientos sociológicos y antropológicos actuales, demuestra las implicaciones que las prácticas religiosas presentan para la sociedad brasileña. Análisis teóricos de las hipótesis teológicas, comparación de la formación de los aspectos culturales de las religiones cristianas brasileñas, además de coyunturas de las creencias pluralistas brasileñas, son expuestas en este trabajo. Un acercamiento científico a las religiones brasileñas y sus posturas religiosas demuestra en qué medida Brasil necesita romper paradigmas conservadores y tradicionales cristianos, en sus aspectos socioculturales. La investigación es cualitativa, de orientación académico-científica, con datos estadísticos. Comprueba la existencia de conflictos entre las creencias cristianas conservadoras y las nuevas creencias pluralistas. El progreso sociocultural brasileño a veces es retrasado por el cristianismo, ora impulsado por las creencias pluralistas — eso cuando están en consonancia con las tradiciones socioculturales del país. La intolerancia religiosa y social en Brasil es el principal problema de este trabajo. Las nuevas creencias y nuevas culturas contemporáneas entran en conflicto con las tradiciones cristianas conservadoras. Con ello, este estudio construye un Brasil con ideologías religiosas en conflicto, que enfrenta creencias pluralistas y antiguas creencias pluralistas conservadoras.

Palavras-chave: Religiones. Creencias pluralistas. Brasil.

1 Introdução

Os símbolos das crenças populares podem atrapalhar o desenvolvimento técnico-científico de uma sociedade, entretanto sua existência, em aspectos culturais, aumenta relativamente o desenvolvimento social. As crenças geram religiosidades, que confortam e motivam os indivíduos de uma determinada sociedade e os levam a buscar um equilíbrio com a natureza e as estruturas sociais vigentes.

No Brasil, como em todas as nações atuais, as crenças culturais e as religiosidades das variadas comunidades sempre influenciaram o desenvolvimento das estruturas sociais, assim como o de todos os indivíduos; entretanto, com a globalização, muitas crenças são descaracterizadas, distorcidas ou oprimidas; fatos estes que intensificam os diversos problemas sociais. O entendimento da construção das crendices e das religiosidades, em específico na sociedade brasileira contemporânea, pode levar à minimização dos problemas sociais, quando associados às crenças, sobretudo a discriminação e a intolerância social e religiosa.

O objetivo geral do trabalho é explanar e identificar as crenças cristãs brasileiras atuais, em aspectos teológicos, com auxílio de pensamentos antropológicos e sociológicos, a partir da formação das crendices e das religiosidades no Brasil atual. Como objetivos, se realiza uma comparação e uma apresentação das ideias teológicas brasileiras, na construção das crenças contemporâneas e seus aspectos teológicos, ou seja, como os brasileiros se comunicam com as crenças divinas e suas variadas especificidades.

Uma breve historiografia da construção cultural brasileira e suas crenças é realizada. Posteriormente, uma explanação dos estudos filosóficos sobre as religiosidades brasileiras e suas perspectivas teológicas. Assim, uma apresentação dos novos movimentos religiosos se

insere e se constrói uma análise do Brasil na perspectiva das religiões, suas relações, interações sociais e como as representações de poder são transmitidas na Teologia. Por último, apresenta-se a fragmentação do campo religioso, de religiosidades e de credices divergentes, na sociedade brasileira atual.

Uma análise de referências bibliográficas, de forma diacrônica, entre teses e artigos científicos que aportam ao avanço do estudo da temática, é realizada. O trabalho científico se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de estudos teóricos, exploratórios, sobre a construção das conjunturas das religiosidades e das credices no Brasil. Em geral, são usadas cinco referências teóricas com teses independentes para a construção deste projeto e outros cinco trabalhos científicos sobre os fenômenos religiosos da atualidade no país.

No primeiro momento, as teorias e hipóteses teológicas brasileiras são apresentadas, assim como as suas construções teóricas, dentro da historiografia do Brasil. Em seguida as discussões e os resultados das formações destas crenças serão apresentados, na alegação de como as práticas religiosas, através dos vários discursos religiosos sincréticos — semelhantes, entretanto divergentes — formaram os pensamentos religiosos e teológicos do Brasil atual.

2 Breves apontamentos da Teologia e da Historiografia brasileira

Azevedo (1964), em sua síntese de pesquisas historiográficas culturais, demonstra que no desenvolvimento cultural brasileiro não existe uma uniformidade entre as regiões e as suas ideias; assim, se constrói um Brasil com várias diferenciações em comportamentos e em maneiras de viver, entre todos seus indivíduos sociais. “O que é ou pode parecer tanto mais surpreendente quanto a formação cultural do país se processou dentro da configuração de uma sociedade patriarcal ou para-patriarcal, tão apegada a preconceitos seculares” (AZEVEDO, 1964, p. 375). Então, todos os problemas de divergências entre as culturas e suas formas de pensar repercutem nas formações das religiosidades e das credices brasileiras, que não são fatos novos, mas são fenômenos pouco estudados pela Teologia, como um estudo científico.

O Brasil do século XX reproduz de forma mais intensa os conflitos ideológicos da formação cultural brasileira moderna. Aponta-se:

A influência de velhos elementos culturais coexiste, nesses conflitos, e às vezes por muito tempo, com as idéias e aspirações novas que se armam e se desencadeiam na superestrutura ideológica, tanto mais modificável quanto maiores as mudanças que se operam na infraestrutura econômica das sociedades (AZEVEDO, 1964, p. 377).

Segundo Macedo (2007), o Protestantismo, assim como outros movimentos, configura a inclusão de mais um elemento cultural na sociedade brasileira. De acordo com Macedo (2007), os grandes fatos históricos do início da modernidade brasileira (imigrações europeias; industrialização brasileira como consequência das grandes guerras mundiais; urbanização das cidades e a criação dos grandes centros urbanos brasileiros) remetem aos aspectos culturais e aos aspectos religiosos; produz-se uma grande diversificação de grupos sociais — consequentemente, várias ideologias —, e implanta-se uma cultura de grande individualismo.

É a partir dos anos 80 que a Teologia tem liberdade de ideologias; de acordo com Pereira (2010), o crescimento do movimento pentecostal no Brasil derruba a hegemonia ideológica religiosa das lideranças católicas e dos protestantes históricos e também dos primeiros pentecostais. Segundo a autora, o Brasil, entra em um período de conflitos ideológicos no final do século XX, que perduram até a atualidade; entre esses, os principais são: os religiosos tradicionais; os protestantes modernos (os protestantes históricos e os primeiros pentecostais); os protestantes pós-modernos (pentecostais pós-modernos e os neopentecostais); os transeuntes religiosos (os que transitam entre todas as crenças brasileiras).

Atualmente, a sociedade brasileira apresenta diversos movimentos de sentidos religiosos diferentes. Segundo Oliveira (2013), um drama ideológico entre as várias linhas religiosas e a política, no Brasil, se configura nos limites dos poderes geopolíticos; são as crenças e as religiões com seus poderes políticos, entre as quais onde não existem definições claras de justiça, de direitos humanos e de poderes do Estado.

De acordo com Brandão e Jorge (2019), uma fragmentação do campo religioso configura-se no Brasil, principalmente pelas crescentes ideologias dominicais das várias linhas evangélicas atuais; este fenômeno também se associa à secularização das crenças e das religiosidades.

Em uma pesquisa sobre construções de identidades religiosas, também se faz necessária uma abordagem fenomenológica de alguns fenômenos, que se apresentarão a seguir. Segundo Lopes (2010), existe a configuração de adventos entre “antigas devoções” e “novas devoções”.

Neste trabalho, como o autor citado acima relaciona, as “antigas devoções” ou antigas religiosidades são vistas, em uma análise histórica, com influências significativas nas tradições religiosas cristãs do país; já as “novas devoções” são analisadas em aspectos teológicos, dentro da sociedade brasileira atual.

Aponta-se:

A constituição de um campo religioso plural, nos centros urbanos da região, remete, por outro lado, à percepção de fronteiras porosas na experiência devocional, configuradas nas relações estabelecidas com a imagética religiosa. Juntamente com a diminuição do controle da Igreja católica sobre a produção e reprodução das representações religiosas figuradas pelas imagens, abriu-se espaço para transformações nas mesmas, operadas em sua densidade semântica ou na diversidade dos motivos figurativos (LOPES, 2010, p. 116).

Em consenso com a pluralidade religiosa apresentada pelos pesquisadores, uma história das religiosidades brasileiras atuais se inicia, sobre todos os novos acontecimentos da humanidade, consolidados e constantemente transformados pela globalização entre todas as nações atuais.

2.2 Historiografia brasileira e a hegemonia das crenças tradicionais

Os campos religiosos atuais do Brasil, assim como a sua formação cultural, são estruturados pelas várias ideias e os diversos movimentos sociais, ou campanhas religiosas. Neste sentido, as tradições religiosas e as tradições culturais são controladas pelos grupos sociais que dominam a maior parte da economia, e as suas tradições se estabelecem como hegemônicas e tradicionais, para os grupos minoritários. Muitos destes, quando apresentam crenças divergentes das tradicionais, são levados a praticar suas crenças culturais ou suas religiosidades de forma marginalizada, distantes dos espaços mais valorizados da sociedade brasileira.

Assim, o fenômeno de opressão das práticas tradicionais dos brasileiros sobre as novas práticas, as quais surgem constantemente, é um fenômeno historiográfico, socioeconômico e teológico.

Segundo Brandão e Jorge (2019), o Brasil centraliza suas práticas religiosas em dois grandes grupos religiosos que influenciam os demais, os católicos e os protestantes. Os protestantes, de acordo com os autores, se inserem no contexto ideológico do pentecostalismo, que intensifica os conflitos de crenças divergentes que, no entanto, estão centralizados em grande parte nos católicos, que perdem espaços para os movimentos protestantes.

Os censos demográficos brasileiros e as principais pesquisas acadêmicas do país sobre as religiões, apontam:

Nota-se, portanto, que os cristãos (católicos apostólicos romanos + evangélicos tradicionais e pentecostais) são o grupo religioso amplamente majoritário. Mas o aumento da pluralidade religiosa fez o percentual de cristãos cair de 97% em 1970, para 89,3% em 2000 e para 86,8% em 2010. Além disso, dentro desse grupo há um movimento acelerado de queda dos católicos e de crescimento dos evangélicos (ALVES *et al.*, 2017, p. 216).

Assim, em consenso com os autores acima, as pesquisas de Brandão e Jorge (2019) retratam uma elevação do movimento evangélico neopentecostal, que adere a várias práticas religiosas, que dialogam com as emoções e as simbologias das crenças populares do Brasil.

Outros movimentos pluralistas religiosos são suprimidos pelo movimento do neopentecostalismo; de acordo com Brandão e Jorge (2019), são construídos vários discursos sociais divergentes, motivados pelas várias igrejas neopentecostais, as novas interpretações teológicas (nas palavras dos autores, “liturgias”), que compreendem os dogmas cristãos como “os fenômenos mágicos aceitos por Jesus Cristo”, como as várias manifestações religiosas do “Espírito Santo”. Isto acaba descaracterizando outras espiritualidades no Brasil.

2.3 Identidades brasileiras, religiosidades e culturas atuais

O movimento pentecostal do Brasil rompe a hegemonia do conservadorismo brasileiro, uma vez que abre um pequeno espaço para outras crenças religiosas. Entretanto, relativiza as manifestações das religiosidades, de maneira que o conservadorismo das tradições religiosas retorna com uma nova estrutura, nos evangélicos pentecostais atuais e nos católicos apostólicos romanos atuais. Estas alegações se comprovam com as análises a seguir.

Segundo Pereira (2010), os fiéis, em grande parte, se apresentam como “transeuntes” religiosos; estes são os indivíduos religiosos que individualizam sua fé, sem fidelidade a nenhuma igreja, que consomem conteúdo das várias comunidades de sua linha simpatizante, mas não produzem afeto, nem conhecimento e têm o mínimo de interação com a comunidade.

“Constantemente é possível perceber que na política e na religião se estipulam propriedades e características que tornam um ser humano pertencente ou não pertencente” (OLIVEIRA, 2013, p. 226). De acordo com Oliveira (2013), os vários fundamentos religiosos, inventados e reinventados, fazem com que os questionadores optem por não pertencerem ou não serem vistos em cultos religiosos; são considerados por muitos religiosos, religiosos de má-fé.

Assim, segundo Oliveira (2013), as ideias de pertencimento ou não-pertencimento, no cenário atual brasileiro, foram demarcadoras das divisões dos poderes religiosos. Explicado na historiografia brasileira, que só colabora com este fato, o pentecostalismo provocou um rompimento parcial com as tradições católicas conservadoras, no entanto, o neopentecostalismo e seus movimento mais recentes, intensificaram as divisões religiosas, o que permite o resgate dos valores conservadores das igrejas, por uma parcela dos religiosos brasileiros; a propagação

de ideias individualistas ecumênicas, por outra parte desses religiosos; e motivações religiosas fundamentalistas para os jovens mudarem suas condições sociais.

Toda a evolução da história da república brasileira apresenta um país com criações socioculturais de pensamentos conservadores. Segundo Azevedo (1964), advogados, juristas e graduados (nos termos do autor, “homens de letras”), são formados, inicialmente da aristocracia rural (grandes latifundiários); estes influenciaram o Brasil desde o período colonial até o início da República. Assim, aponta-se: “Em todas as camadas da atmosfera cultural, essa mentalidade, se já não domina, ainda se apresenta bastante difundida para resistir aos ventos que hoje sopram de todos os quadrantes” (AZEVEDO, 1964, p. 377). De acordo com Azevedo (1964), as tradições burocráticas e aristocráticas foram transformadas para pertencer ao Brasil moderno e, com isto, se impõem pensamentos burocráticos de dificultarem novas concepções culturais, em grande parte relacionadas com as construções ideológicas das superestruturas da sociedade brasileira e as crenças religiosas hegemônicas.

As crenças e as religiosidades, ao adentrarem nos espaços públicos e estatais, sendo antigas e tradicionais, são aceitas comumente pelos agentes ideológicos das estruturas sociais, principalmente pelos burocratas (se refere a quem cuida e administra as funções, serviços ou objetos das burocracias das estruturas sociais). Já as ideias, quando novas e atuais, são discriminadas; fato este, consolidado na historiografia brasileira. Aponta-se: “Na verdade, não superamos ainda o tempo em que a última palavra cabia aos bacharéis em direito e, em certa medida, a burocratas e homens de letras, que continuam a ter influência equivalente à que exerciam em épocas anteriores” (AZEVEDO, 1964, p. 378).

Hoje os pesquisadores reconhecem que as misturas das culturas, principalmente no Brasil, não podem ser rejeitadas por nenhuma estrutura social. Segundo Macedo (2007), são os modos de hibridismos culturais; estes correlacionam e “reinventam” (palavra usada pelo autor) as ideias de interações culturais, em específico as crenças e as religiosidades de toda a sociedade brasileira.

Então, por que, no Brasil, os nativos estão em confronto com as mudanças culturais inevitáveis? Aponta-se: “Uma nova perspectiva seria necessária para considerar as influências recíprocas entre duas ou mais crenças quando em contato duradouro” (MACEDO, 2007, p. 19).

Apesar de várias linhas protestantes pentecostais, de acordo com Macedo (2007), são os convívios longos entre os brasileiros, proporcionados por várias práticas religiosas cristãs, que permitem a crescente dos protestantes, “evangélicos pentecostais”, no Brasil do século XXI.

“O protestantismo no Brasil trouxe novas características culturais. A liturgia era feita fundamentalmente em torno da leitura bíblica do próprio fiel, e não mediatizada por alguma

autoridade, como faz o padre na Igreja católica” (MACEDO, 2007, p. 62). As inovações dos evangélicos pentecostais permitem que outras culturas e crenças sejam agregadas às suas religiosidades, desde que sejam fundamentadas em princípios bíblicos. Assim, pessoas com crenças ou religiosidades mais livres, se encontrarem significados nos princípios bíblicos para esses aspectos culturais, estão propensas a serem futuros evangélicos neopentecostais.

Segundo Brandão e Jorge (2019), devido às razões sincréticas dos movimentos pentecostais, as crenças e as religiosidades se transformaram em problemas para as superestruturas sociais da sociedade brasileira.

Assim, os conflitos entre as ideologias religiosas brasileiras, mediados pelo sincretismo do pentecostalismo, começa a questionar a lógica dos conservadores, este que detém a maior parte do poder do Estado.

Aponta-se:

Nesta percepção, haveria uma matriz básica – a católica romana – em que outras matrizes religiosas decalariam sua “alteridade” mantendo-se sob a disciplina do roteiro principal, administrando variações possíveis e deslocando práticas e conteúdos sem uma ruptura definitiva. As “interpenetrações” aqui são impensáveis e indesejáveis. O dispositivo de poder se mantém no catolicismo romano, e as variações seriam toleradas desde que não modificassem a forma original. Como se original houvesse (BRANDÃO; JORGE, 2019, p. 246).

Neste sentido, até os próprios líderes evangélicos pentecostais, que outrora controlavam os movimentos sincréticos cristãos no Brasil, perdem o controle desse sincretismo; surge então a necessidade do movimento neopentecostal.

Explica-se: “A possibilidade de mútuas influências quando suspensas as relações de poder fragilizam a análise de um fenômeno tão complexo” (BRANDÃO; JORGE, 2019, p. 247).

O neopentecostalismo surge, assim justificado, como um movimento de controle do sincretismo cristão brasileiro, e mobilizador das massas evangélicas pentecostais, para manter os princípios cristãos controlados. Isto foi fundamental principalmente para os conservadores cristãos da sociedade brasileira, manterem, ainda, sua influência hegemônica no poder do Estado.

O campo das crenças, das religiosidades e das culturas populares, é transformado radicalmente, no Brasil, com o movimento do neopentecostalismo. Não se pode, ainda, mensurar o tamanho da influência desse movimento de massas populares evangélicas do Brasil.

Apona-se: “Abandonada a espacialidade religiosa, o esforço interpretativo se volta para o fiel em trânsito e procura aí, na trajetória do indivíduo e seu repertório religioso, as motivações e os significados acessados pelo “transeunte” (BRANDÃO; JORGE, 2019, p. 249).

Assim, as motivações e as emoções, individualistas dos religiosos brasileiros são intensificadas, o que gera desunião das camadas populares.

2.4 Personificações das religiosidades

É evidente que não cabe à Teologia, cristã ou não-cristã, caracterizar um religioso por um tipo de padrão nas suas práticas religiosas; isto levaria ao estudo teológico, com fundamentações críticas de julgamento — algo que a Teologia contemporânea, em consenso com a Eclesiologia e o senso comum, retrata: ao julgar, os teólogos ou os líderes religiosos, se distanciam do “falar de Deus”.

Uma elucidação, para a diferença dos arquetípicos e dos estereótipos, é construída nas análises conceituais de diversas pesquisas das Ciências Sociais e das Ciências Humanas. O assunto é mais discutido na Psicologia e nas Ciências Sociais, contudo os estudos teológicos, enraizados na cultura popular brasileira, não reafirmam e nem discordam dessas áreas científicas.

Assim, como exemplificação, aponta-se:

Intelectuais e cientistas previram que a religiosidade desapareceria ou decresceria ao longo do século XX, mas o que ocorreu foi um aumento do interesse dos pesquisadores pela temática da religiosidade e espiritualidade, pois se percebe o aumento de publicações tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, incluindo periódicos de alto impacto (CRES *et al.*, 2015, p. 241).

Agora para diferenciação desta problemática, aponta-se:

A dificuldade de entendimento da religião entre nós está nessa duplicidade entre a coisa e a palavra, o comido e o em que comer, que horripilaria a ciência não mastigável fosse cartesiana positivista, marxista ou uma fenomenologia rasa ou funda – o prato (PEREIRA, 2010, p. 263).

A construção desses arquetípicos religiosos é uma tarefa difícil, pois estes não podem, pelos estudos teológicos, gerar “estereótipos religiosos” exatos. Os arquetípicos religiosos, para o estudo da Teologia, se fundem com os padrões culturais atuais das identidades dos indivíduos sociais; todo este conjunto de padrões se configura em tipos, estudados e analisados por várias linhas teóricas científicas. São estereótipos quando representam as formas atuais de expressões

humanas, determinadas pela temporalidade do período. Já os arquétipos são construídos pelo fenômeno acumulativo dos saberes da humanidade; muitas vezes, representam códigos ou condutas de ideologias, que são eternizadas pelos acontecimentos históricos ou sociais.

Sobre as construções de arquétipos religiosos, exemplifica: “Novos pentecostais sofreram a influência do sincretismo religioso no Brasil. Os ministérios e a pregação passam a pagar tributo à herança de outras tradições vigentes no país, mesclando crenças católicas, espíritas e afro-brasileiras” (LIBERAL, 2004, p. 5).

Em paráfrase, com Pereira (2010), “as coisificações das religiosidades” são os arquétipos, e as formas da comunicação dessas, são os tipos inseridos entre os indivíduos e a sociedade.

2.4.1 Transitantes de credos

Esta primeira caracterização reflete uma religiosidade coisificada, donde indivíduos sociais adquirem “credos fragilizados” (conjunto de práticas religiosas que não se relaciona profundamente com o seu “ser”), em busca de uma identidade religiosa consonante com as suas experiências pessoais. Similarmente, aponta-se: “Abandonada a espacialidade religiosa, o esforço interpretativo se volta para o fiel em trânsito e procura aí, na trajetória do indivíduo e seu repertório religioso, as motivações e os significados acessados pelo *transeunte*” (PEREIRA, 2010, p. 249). O que, de acordo com Pereira (2010) se denomina “transeuntes” religiosos, de forma mais interpretativa, neste trabalho se chama “transitantes de credos”.

Segundo Pereira (2010), o grande movimento do pentecostalismo (a autora retrata o pentecostalismo em um único movimento, deduz a inclusão do neopentecostalismo) permitiu uma maior exposição dos “transeuntes” religiosos; muitos se transformam em evangélicos, entretanto, transitam de uma igreja para outra; também aderem a outras crenças, não-cristãs, mais vinculadas ao sincretismo do cristianismo.

Assim, retrata-se: “No caso da hermenêutica do trânsito religioso, a teoria explica a aparência “transitória” da religião porque desiste de qualquer pretensão de compreensão de totalidade ou de metabolismo social” (PEREIRA, 2010, p. 252). Segundo Pereira (2010), os “transeuntes” religiosos, desistem de quaisquer pretensões eclesiais; conseqüentemente, vivem entre uma igreja e outra, sem desejo de adquirir religiosidades mais específicas das variadas igrejas frequentadas, ou uma compreensão totalitária de todas as religiosidades da cultura em que estão inseridos.

2.4.2 Proselitistas pentecostais

Segundo Brandão e Jorge (2019), os evangélicos brasileiros se fragmentaram e agregaram os vários valores culturais brasileiros, até a sua última onda, em que se configuram os neopentecostais atuais. Contudo, se destacam atualmente o proselitismo pentecostal e outros movimentos de proselitismo protestante; os fiéis adeptos a esta característica, condenam as antigas práticas simbólicas tradicionais.

Como exemplo de outros autores, sobre outras crenças, aponta-se: “Os símbolos e objetos sagrados de culto afro-brasileiro são demonizados e, por vezes, destruídos por evangélicos” (SANTOS, 2012, p. 14).

Os autores citados relatam que, apesar de existir proselitismo em outras culturas religiosas tradicionais, é nos movimentos evangélicos que este pensamento se destaca e ganha mais intensidade nos evangélicos neopentecostais.

Assim, os proselitistas apresentam suas práticas religiosas como as mais corretas possíveis, conseqüentemente, induzem os novos fiéis a reproduzirem estas práticas religiosas, da mesma forma que fora transmitida. Isto não quer dizer que todas as linhas evangélicas pentecostais ou neopentecostais sejam proselitistas, contudo apresentam uma tendência, de modo geral, ao proselitismo.

2.4.3 Empreendedores religiosos

O espírito do empreendedorismo, como em toda cultura brasileira, surge entre os religiosos, no entanto, com suas particularidades. Aponta-se: “Empresários são encorajados e negócios são feitos nos ambientes das diversas denominações pentecostais” (MACEDO, 2007, p. 110-111).

Segundo Macedo (2007), as igrejas pentecostais criam e incentivam os seus fiéis a empreenderem, em toda comunidade cristã e em todo espaço geopolítico em que esta comunidade está inserida. De acordo com o autor, isto se relaciona com a ideia da “Teologia da Prosperidade”, nas suas palavras, “aquele que é pobre o é porque tem pouca fé”.

Sobre os pentecostais adeptos ao empreendedorismo religioso, de acordo com Macedo (2007), estes se inserem em uma “teologia da prosperidade”; quanto mais buscam lucros individuais e para igreja, mais são abençoados; conseqüentemente suas religiosidades estão em torno das “relações de mercado capitalistas”, como relata o autor em sua pesquisa.

O que permite aos pentecostais e aos neopentecostais se tornarem empreendedores, são os apoios sincréticos que os fiéis das mesmas comunidades estabelecem um com os outros; isto

é um ponto positivo, que se contrapõe ao proselitismo, da personificação acima, que ainda persiste. Exemplifica: “O movimento neopentecostal encontra apoio nesse sincretismo religioso, nos quais verdades não são excludentes, mas se reforçam” (LIBERAL, 2004, p. 6).

2.4.4 Homens contemporâneos

Nesta categoria se encaixam todos os demais, que têm suas religiosidades interligadas ao desenvolvimento social atual; ou seja, expressam suas religiosidades de acordo com o avanço da sociedade em suas pesquisas científicas. Apesar de se vincularem às construções de identidades culturais populares, em geral, estão em todas as linhas religiosas brasileiras atuais.

Elucida-se:

Entre a tradição marcadamente literária, senão retórica, persistente em boa parte, no mundo intelectual e político, e o espírito positivo e pragmático do homem contemporâneo, o ideal científico e técnico faz seu caminho, através de dificuldades e incompreensões, e não deixa de aumentar sua força de atração (AZEVEDO, 1964, p. 381).

Estes homens cresceram, de acordo com Azevedo (1964), como elite intelectual do século XX; são os que movem intelectualmente todas as superestruturas socioeconômicas do Brasil. Como as igrejas contemporâneas, no Brasil se apresentam como adeptas das relações capitalistas para o seu crescimento; também os homens contemporâneos movem a construção de todas as infraestruturas e as relações econômicas das variadas igrejas brasileiras.

Entre os homens contemporâneos, que também podem ser classificados como homens atuais, nas pesquisas empíricas se encontram dois subtipos. Os primeiros são “os tolerantes”, que disseminam ideias pluralistas e investem nestas ideias. Já os segundos são “os intolerantes”, que investem em ideias de centralização de capital, de acordo com seus ideais intolerantes de vida.

Apona-se: “A intolerância é registrada por atos de violência de religiões umas com as outras ou, então, da ação, da omissão ou do favorecimento do Estado para com uma religião em detrimento de outras” (OLIVEIRA, 2013, p. 141). Então, os homens contemporâneos, quando intolerantes, estimulam a desigualdade social e intensificam a intolerância religiosa.

3 Fenômeno das novas religiosidades brasileiras atuais

Segundo Lopes (2010), os produtos de trocas e vendas devocionais são objetos que aproximam os fiéis de uma mesma comunidade religiosa. Assim, de acordo com o mesmo autor,

há um sincretismo em todas as religiões, não somente nos novos perfis religiosos. “Na inclusão desses sentidos públicos diversos é que ocorre a produção das novas devoções explicitadas nos santos dos segmentos populares” (LOPES, 2010, p. 117).

Neste sentido, justificam-se os novos perfis da identidade dos atuais religiosos brasileiros, como um avanço sincrético do protestantismo pentecostal e neopentecostal. Não significa que o catolicismo ou outras tradições religiosas não façam parte da atualidade sincrética das religiosidades brasileiras atuais, mas o que acontece são destaques maiores para duas linhas protestantes-cristãs (pentecostal e neopentecostal), nas configurações religiosas da dimensão geopolítica do Brasil atual.

Elucida-se:

E saindo desse quadro cotidiano das camadas populares, pode-se pensar que o mesmo princípio que associa santificação e heroísmo está atuante nas novas devoções, agora relacionadas a fenômenos culturais que afetam a sociedade como um todo e não apenas os mais prejudicados (LOPES, 2010, p. 122).

Segundo as afirmações fenomenológicas, em consenso com as pesquisas apresentadas, os espaços ganhados pelos evangélicos atuais brasileiros, em todos os campos culturais, econômicos e sociais, possibilitam este domínio protestante nas religiosidades brasileiras construídas na contemporaneidade.

Contrapondo os acontecimentos citados, novas tipologias religiosas precisam de novos espaços, para reestabelecer o equilíbrio pluralista religioso do Brasil que, desde a sua formação moderna, se configura como um Estado laico. Entretanto, sempre apresentou disputas conflitantes pelos domínios dos campos religiosos e culturais, dentro de seus espaços geopolíticos.

4 Discussões e resultados

Ao fazer um levantamento das construções culturais e religiosas das crenças brasileiras, se notam várias alegações e alguns grandes conflitos sociais das crenças, que necessitam serem minimizados.

Primeiramente, a historiografia aponta que a sociedade brasileira atual foi construída para manter suas linhas de pensamento conservadoras e tradicionais. Isto era interessante para as antigas elites agrárias e, atualmente, interessa às autoridades representativas políticas brasileiras que, ao controlar as crenças e as práticas religiosas, retêm os vários movimentos

sociais, que buscam mudanças e que veem suas ideologias inovadoras suprimidas, muitas vezes, pelo conservadorismo consolidado no país.

Assim, aponta-se:

O problema não é enunciar, difamar ou sacralizar um lugar teológico. O problema reside nas apropriações que são feitas dele. E, por mais superficial, naturalizante que possa ser, é difícil romper com aquilo que está sedimentado. Afinal, como se apresenta em muitos discursos e se tenta proporcionar um nivelamento em se dizer o que é teologia, esta é tornada argumento para o estabelecimento da ordem, de um tipo de agregação social, da correta moral. Sim. Julgamentos sexistas, etnocêntricos, civilizatórios também são produzidos pelos discursos teológicos e pela sua apropriação comum (OLIVEIRA, 2013, p. 43).

Uma problematização para todos os tipos de práticas religiosas é consolidada; atualmente, frente a qualquer tentativa de apropriação cultural de uma religião minoritária, não-proselitista e contemporânea, uma repressão e um conflito social tende a se intensificar, em grande parte, pelas ideologias conservadoras religiosas ou culturais, que perduraram ao longo da história do Brasil.

Outro ponto elucidativo do trabalho é que as condutas morais e éticas, quando adentram no campo religioso, são relativizadas. Constitui-se, então, uma sociedade de crenças individualistas e de crenças pluralistas; o encontro dessas ideias resulta em um lento desenvolvimento social, principalmente para os indivíduos marginalizados do Brasil, ou pelas suas crenças religiosas ou pelas suas práticas culturais.

Comprova-se:

Parte da literatura que se volta para o pluralismo religioso aponta que, de forma geral, em situações nas quais não há monopólio de uma dada igreja ou denominação, a tendência é que os agrupamentos estabeleçam trajetórias de competição por fiéis, o que produz maior ativismo e disposição proselitista (BRANDÃO; JORGE, 2019, p. 86).

Assim: “Justiça, justificação, justo são palavras carregadas por embates históricos e teológicos, cheias de sentidos, cheias de significação, cheias de esperança e cheias de uma certa frustração de como os acontecimentos se apresentam” (OLIVEIRA, 2013, p. 5). Segundo Oliveira (2013), em ideias consensuais com Brandão e Jorge (2019), com muitos pensamentos conservadores e tradicionais, os direitos humanos e os embates ético-morais são enfraquecidos no Brasil, o que permite que os discursos do poder político público se misturem com crendices antigas, formadas, ainda, no início da República Federativa do Brasil.

O último ponto, como já apontado, é o posicionamento dos “homens contemporâneos intolerantes”. No senso comum, os conservadores e os proselitistas atuais muitas vezes criam grupos religiosos intolerantes; acusam os defensores da pluralidade religiosa como falso-profetas ou religiosos seculares (termo que se aplica a outras ideias da eclesiologia). Não o fazem de forma direta, mais na realização de seus eventos religiosos privativos, fato este que precisa de maiores investigações para comprovação de suas especificidades.

Os defensores da pluralidade religiosa, “homens contemporâneos tolerantes”, são desqualificados por seu desinteresse pela eclesiologia das várias religiões do Brasil. “A concepção da cidade não é a partir de seus cidadãos e suas cidadãs, mas sob a lógica do mercado” (OLIVEIRA, 2013, p. 66).

Segundo Oliveira (2013), como nos aspectos culturais brasileiros, os campos religiosos são “despolitizados”; para muitos são vistos como negócios do mercado capitalista e os cidadãos não-religiosos veem as religiões, principalmente as tradicionais e as proselitistas, como superestruturas religiosas de controle das massas. Assim, também, há uma descaracterização desses conservadores, como cidadãos aptos para viverem um pluralismo. Este fato, de conflitos religiosos entre os conservadores e os pluralistas não-religiosos, necessita de maiores investigações.

5 Conclusão

Os teólogos e os cientistas da saúde e da sociedade, em geral, no Brasil, precisam unir-se com os diversos atores influentes das comunidades culturais e/ou religiosas. Os pontos que precisam se transformar através da união dos indivíduos sociais brasileiros são, principalmente, minimização da intolerância religiosa; aumento e amplificação do diálogo e dos eventos de práticas religiosas pluralistas; fortalecimento em ações sociais da constituição do Brasil como um Estado laico.

Agora, através de toda investigação teológica e do levantamento historiográfico das construções das crenças brasileiras, se percebe que a sociedade brasileira está passando por mudanças em crenças e em práticas religiosas, de forma acelerada. Uma fragmentação exclusivista das diversas linhas religiosas, principalmente do Cristianismo, acirra um conflito entre os aspectos culturais brasileiros e os aspectos religiosos, em específico no campo das práticas religiosas, legitimadas pelas autoridades representativas brasileiras e as mídias culturais, que se especificam, também, em religiosidades midiáticas populares.

As religiosidades populares, midiáticas ou não-midiáticas, podem ser consideradas as práticas que são aprovadas pelas condutas morais brasileiras, entendidas como corretas; entretanto, em práticas religiosas não-intolerantes, a compreensão e a aceitação íntegra tem que ver com respeitar o pluralismo religioso atual; infelizmente, grande parte dos religiosos são individualistas e intolerantes na prática de suas religiosidades.

Referências

ALVES, J.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L.; CARVALHO, A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, ago. 2017.

AZEVEDO, Fernando. Da cultura brasileira: fundamentos, evolução, direções e perspectivas. **Revista de História**, São Paulo, n. 29, v. 60, 1964.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudos Sociais**, Bogotá, v. 69, p. 79-90, jul. 2019.

CRES, Marli Rosangela *et al.* Religiosidade e estilo de vida de uma população adulta. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 28, n. 2, p. 240-250, abr./jun. 2015.

LIBERAL, Márcia Mello Costa de. Religião, identidade e sentido de pertencimento. *In*: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., Coimbra. **Anais** [...]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MarciadeLiberal.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

LOPES, José Rogério. Velhas devoções, nova devoções: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, Juiz de Fora – MG, v. 1, n. 1, p. 109-135, 2010.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira**. 2007. 262 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Kathlen Luana de. **Por palavras e ações: há um mundo entre nós**. Justiça, liberdade e comunhão: sentidos teológicos e políticos nos paradoxos da democracia em tempos de direitos humanos. 2013. 348 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2013.

PEREIRA, Nancy Cardoso. A alegria é a prova dos nove. Antropofagia e ecumenismo. **Numen**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, 2, p. 241-272, jul./dez., 2010.

SANTOS, Milene Cristina. **O proselitismo religioso entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio**: a "guerra santa" do neopentecostalismo contra as religiões afro-brasileiras. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.